

- **OUTRAS LETRAS**

A VOZ DE SANTOS SARAIVA: DA PEDRA ANGULAR DO EDIFÍCIO MACKENZIE AO CENTRO HISTÓRICO

Elaine Cristina Prado dos Santos*
Marcel Mendes**

Resumo: Pretende-se apresentar introdutoriamente, neste artigo, uma breve trajetória sobre a vida do latinista Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, com a finalidade de fazer uma leitura de seu discurso que seria proclamado no dia da inauguração da pedra angular do Edifício Mackenzie, em 1894. Como conduta para apresentação do discurso de Santos Saraiva, este trabalho terá, como fonte de estudo, a obra de Heinrich Lausberg (2004), *Elementos de retórica literária*. A intenção primordial deste trabalho é demonstrar de que forma o tema “instrução”, apresentado pelo orador, se tornou, segundo a retórica escolar, uma *ars bene dicendi* por cumprir uma trajetória que se projetou em fases próprias de elaboração de partes do discurso, que visaram atingir a persuasão, ou melhor, de que forma Santos Saraiva persuadiu com a palavra, a ponto de sua voz se perpetuar clamando àqueles que ainda buscam pelas *ciências divinas e humanas*.

Palavras-chave: Santos Saraiva; discurso; Edifício Mackenzie.

■ **O** invulgar legado cultural do latinista, hebraísta e hermeneuta bíblico *Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva*, aliado à complexidade da sua figura humana, tanto rústica quanto encantadora, suscitam o desafio de esboçar os traços mais expressivos dessa personalidade, cuja presen-

* Doutora em Letras Clássicas-Latim pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

** Doutor em Ciências (área de concentração em História Social) pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor da Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

ça no ambiente intelectual brasileiro do final do século XIX tem passado quase despercebida. Intenciona-se fazer, a partir de uma trajetória biográfica do latinista Santos Saraiva, uma leitura a respeito de seu discurso que seria proclamado no dia da inauguração da pedra angular do Edifício Mackenzie; por circunstâncias maiores da ocasião, porém, foi silenciado e lacrado em urna de cobre no interior dessa pedra. Embora o discurso esteja enclausurado até hoje, procurar-se-á demonstrar que ele “permanece” vivo pela força expressiva e poética de sua retórica. O artigo se organiza em duas etapas, a saber: trajetória biográfica de Santos Saraiva e discurso sobre a inauguração da pedra angular.

TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE SANTOS SARAIVA

Possíveis lacunas e inconsistências nos registros da trajetória biográfica de Santos Saraiva, já identificadas pelos autores deste artigo, não desqualificam a demarcação temporal, espacial e de intensa atuação dessa instigante e eclética personalidade, nascida em 22 de fevereiro de 1831 (1834?), em Vila Seca de Aramar, no distrito de Viseu, Portugal. Convertidos do judaísmo, seus pais teriam dedicado desde cedo o filho ao sacerdócio católico-romano. Esse desígnio contribuiu para impulsionar o jovem Francisco rumo à Universidade de Coimbra, em busca do título de doutor em teologia e direito, em um momento em que o ambiente coimbreense ainda se encontrava tensionado pelas convulsões *Maria da Fonte e Patuleia*. De lá, seguiu para Londres, onde aprofundou os estudos das línguas clássicas e orientais: latim, grego, hebraico, árabe, sânscrito e chinês. Autodidata absoluto, encantou-se também pela história natural, especialmente a botânica e a mineralogia. Da capital do império britânico partiu para Roma, onde foi ordenado sacerdote.

Em 1860, com menos de 30 anos de idade, o padre Santos Saraiva resolve vir para o Brasil, radicando-se na então Província de Minas Gerais, como capelão dos católicos ingleses que trabalhavam na mineração de Morro Velho. De Minas, deslocou-se para o Rio Grande do Sul, região em que desempenhou funções como vigário em várias localidades. À parte os seus afazeres religiosos, Santos Saraiva fazia, por esse tempo, investigações botânicas e organizava coleções mineralógicas. Após alguns anos no Sul do Brasil, retornou em 1865 a Lisboa, a fim de empreender novos estudos e pesquisas. Voltou outra vez ao Brasil, em 1870, fixando residência na capital do Império – Rio de Janeiro.

Foi nessa época que o imperador Pedro de Alcântara, tendo sido informado sobre o padre Santos Saraiva e sua invulgar erudição, convidou-o a comparecer ao Paço de São Cristóvão para conversarem a respeito dos estudos da língua hebraica, que tanto fascínio exerciam sobre D. Pedro II. Enquanto residia no Rio de Janeiro, e exercendo funções docentes no Colégio D. Pedro de Alcântara, Santos Saraiva trabalhou intensamente na elaboração do seu maior empreendimento literário, o *Novíssimo dicionário latino-português*, com cerca de 1.300 páginas, que se tornaria obra de referência até meados do século XX. Nessa extrapolação, registramos que a monumental obra já havia alcançado, até 1927, a sua 9ª edição. No ano de 1957, foi lançada a 10ª edição, na realidade, uma reimpressão de *fac-símile*, recentemente reproduzida mais uma vez. A obra encontra-se à venda nas prateleiras das melhores livrarias do ramo.

Esgotado pelo ingente esforço intelectual despendido e desgostoso das condições comerciais impostas pela *Casa Garnier*, encarregada de publicar essa obra

de referência, Santos Saraiva subtraiu-se do convívio social do Rio de Janeiro. Foi buscar, a exemplo de seu contemporâneo e amigo Alexandre Herculano, a companhia da natureza, longe das letras e dos letrados. Diz-se de Santos Saraiva que, deixando a batina, foi ser lavrador. Era 1876. Estabeleceu-se então em Picadas do Norte, atualmente Vila Santos Saraiva, no município de São José, região de Florianópolis (à época, chamada Desterro). Hoje, uma via pública do distrito do Estreito leva o nome daquele que se tornou um dos seus moradores mais ilustres: Rua Francisco de Santos Saraiva.

No seu retiro catarinense, onde viveu por quase uma década e meia, Santos Saraiva retomou o interesse literário, passando a escrever artigos para jornais, e textos nas formas de poesia e prosa. Em matéria de opção política, fez-se ardoroso republicano e abolicionista. Pugnou pela liberdade de cultos, pela separação da Igreja em relação ao Estado e em favor do casamento civil. No campo das convicções religiosas, afastava-se cada vez mais do catolicismo ultramontano, que passou a ser objeto da sua contundente pena, tal como fizeram outras figuras nacionais do anticlericalismo então nascente. São dessa linha os títulos *Origens do cristianismo*, *A burla católica romana* e *O catolicismo romano* (ou a *Velha e fatal ilusão da sociedade*).

Quais as circunstâncias que vincularam o ex-sacerdote Santos Saraiva – intelectual de Coimbra, Londres, Rio de Janeiro e obscuro asceta das Picadas do Norte – com a *Escola Americana e o Mackenzie College*, em São Paulo? Os vínculos decorreram do curioso fato de que o imperador Pedro II, conhecedor da erudição de Santos Saraiva e das dificuldades que este teria no contexto católico romano, recomendou-o ao Rev. George W. Chamberlain, para fazer parte do corpo docente da Escola Americana, em São Paulo. Surgindo, em momento próprio, a necessidade de encontrar um substituto para o grande professor de latim, Rangel Pestana, lembrou-se Chamberlain do ex-padre e foi procurá-lo em Santa Catarina. Tinha em mente outra tarefa para o latinista, helenista e hebraísta: a revisão das traduções da Bíblia (Almeida e Figueiredo) em português. O ex-padre não aceitou essa proposta do reverendo Chamberlain, pois julgava que caberia antes uma nova tradução a partir das línguas originais, e não uma simples revisão.

Mudando-se para São Paulo, nos albores da República, Santos Saraiva ingressou na Escola Americana e logo passou a reger a cadeira de Latim. Seu envolvimento com a instituição cresceu, sendo-lhe atribuídas também aulas de Português, História e, mais tarde, Mineralogia e Petrografia. Foi nesse contexto que Santos Saraiva compareceu ao ato de inauguração da pedra angular do *Edifício Mackenzie*, em 16 de fevereiro de 1894, ocasião em que iria apresentar primoroso discurso, elaborado com antecedência, na presença de Cesário Mota Jr., Prudente de Moraes, Horace M. Lane, George W. Chamberlain e uma centena de convidados ilustres. Contudo, o adiantado da hora não permitiu que a voz desse erudito cultor das Letras se fizesse ouvir, restando que o texto fosse colocado – juntamente com outros documentos selecionados – em uma urna de cobre inserida no interior da pedra angular que perpetuou a superior destinação do prédio: “Às ciências divinas e humanas”.

Em um esforço de síntese, pode-se dizer que o nome de Santos Saraiva encontra-se associado a inúmeras iniciativas culturais e literárias que incluem artigos nos maiores jornais do país e publicações de obras de extraordinária relevância. No campo das letras sacras, produziu uma versão do livro de Sal-

mos, em versos, traduzindo-o diretamente do hebraico, sob a epígrafe *Harpa de Israel* (487 páginas). Não encontrando no Brasil editor para essa notável obra sacra, o Rev. George W. Chamberlain mandou publicá-la pela American Bible Society, nos Estados Unidos.

Já nos seus últimos dias de vida, encontrava-se trabalhando em uma obra que pretendia ser colossal. Tratava-se de um *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Santos Saraiva não passou da primeira letra. Faleceu no dia 3 de julho de 1900, sendo sepultado no Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação, em São Paulo.

DISCURSO SOBRE A INAUGURAÇÃO DA PEDRA ANGULAR DO EDIFÍCIO MACKENZIE

Da mesma forma que dizia o poeta da Antiguidade latina, Ovídio, I a. C., nas *Metamorfoses*, *mens manet* (a mente permanece), assim a voz do orador Saraiva se perpetua clamando àqueles que ainda buscam pelas *ciências divinas e humanas*. A voz do latinista de 1894 ecoa e ainda repercute, discursando em nome da instrução e clamando pelos alicerces sólidos da educação, como um dia já registraram os poetas latinos Ovídio e Horácio:

*Já terminei¹ minha obra que nem a ira de Júpiter, nem o fogo, nem o ferro, nem o tempo voraz poderá aniquilar. Aquele dia, que nada tem a não ser o direito deste corpo, quando quiser acabar comigo o espaço de vida incerto: todavia eterno pela melhor parte de mim, serei levado aos astros elevados e meu nome será indelével e por qual poder romano se estende sobre as terras dominadas, eu serei lido pela boca do povo e viverei pela fama através de todos os séculos, se os presságios do vates tenham qualquer coisa de verdade (OVÍDIO, 1994, XV, 871-879).*²

*[...] eu não morrerei totalmente, mas uma parte importante de mim escapará à Morte... (HORÁCIO, 1954, III, 30)*³

Após quase dois séculos, a obra desse latinista ainda deixa marcas e registros, seu nome se torna também indelével e o orador se faz vivo, pela leitura que será feita e será registrada de seu discurso, por estes pesquisadores. Como conduta para apresentação do discurso de Santos Saraiva, este trabalho terá, como fonte de estudo, a obra de Heinrich Lausberg (2004), pois, segundo o estudioso, a retórica é definida por *ars bene dicendi*, “a arte do bem dizer”, designando por *bene* a *virtus* específica do discurso partidário, constituída pelo sucesso da persuasão. Essa *virtus* geral do discurso partidário realiza-se, de um modo específico, em cada fase da elaboração e em cada parte do discurso. A *virtus* geral

1 As traduções latinas foram feitas pela Profa. Dra. Elaine C. Prado dos Santos.

2 “*Iamque opus exegi quod nec Iovis ira nec ignis
Nec poterit ferrum nec edax abolere vetustas.
Cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius
lus habet, incerti spatium mihi finiat aevi;
Parte tamen meliore mei super alta perennis
Astra ferar nomenque erit indelebile nostrum;
Quaque patet domitis Romana potentia terris,
Ore legar populi perque omnia saecula fama,
Siquid habent ueri uatum praesagia, uiuam.*”

3 “*Non omnis moriar multaue pars mei
Vitabit Libitinam...*”.

discursiva pode, neste caso, ser identificada como *aptum*, que visa ao sucesso da persuasão (LAUSBERG, 2004, p. 86).

Define-se, dessa forma, o discurso de Santos Saraiva, segundo o gênero arisototélico do discurso partidário, como epidíctico ou demonstrativo, pois tem como meta o louvor por se tratar de uma “inauguração da pedra angular do Edifício Mackenzie”, cujo foco principal do orador é exaltar a instrução como um meio de melhor servir à República.

Mesmo não tendo sido proclamado verbalmente, foi escrito com a finalidade de ser discursado e de cumprir determinada estratégia e de respeitar determinado direcionamento para atingir uma meta: “a instrução para a juventude a fim de aprimorar a Sociedade”. Sendo assim, a partir desse raciocínio, a intenção primordial deste trabalho é demonstrar de que forma a “instrução”, segundo a retórica escolar, se tornou uma *ars bene dicendi* por cumprir uma trajetória que se projetou em fases próprias de elaboração de partes do discurso, que visaram atingir a persuasão, ou melhor, de que forma Santos Saraiva persuadiu com a palavra, pois isso é o objetivo da retórica.

Conforme Lausberg (2004, p. 91), a elaboração (*tratactio*) da matéria distingue cinco fases para a elaboração do discurso: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria*, *pronuntiatio*, estando *inventio*, *dispositio*, *elocutio* intimamente ligadas.

O discurso de Saraiva é marcado por uma nítida tripartição retórica: princípio, meio e fim. Tanto o princípio quanto o fim têm sobretudo a função do contato com o público. O princípio estabelece esse contato, e o fim assegura o efeito do discurso sobre o público.

A tripartição, do discurso de Saraiva, se faz inicialmente por uma interrogação ciceroniana:

“*Quid maius aut melius reipublicae afferre possumus, quam si docemus atque erudimus juventute?*”⁴ (Que maior e mais prestante serviço podemos fazer à República que ensinar e instruir a mocidade?)

Por meio dessa interrogação latina do *De Divinatione* II.2, do famoso orador do período republicano – Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), Santos Saraiva inicia seu discurso, transcrevendo, da Antiguidade romana, as expressões filosóficas como um instrumento intelectual para obter o efeito da persuasão, em um discurso de louvor, diante de uma pedra que se destinava a erigir um monumento à educação. O latinista do século XIX se apropriou de expressões ciceronianas como primeiro passo de elaboração de seu discurso, sua *inventio* se inicia com uma ênfase retórica de pensamentos (*res*) clássicos, adequados (*aptum*) ao tema a ser tratado. Dessa forma, o princípio por meio dessa interrogação retórica é seguido de uma justificativa em forma de júbilo que tem como função o contato com o público.

Amparado na tradição clássica, Santos Saraiva iniciou o seu discurso, tendo por alicerce o grande orador de todos os tempos, Cícero, que é, sem dúvida, o mais importante nome na tradição da eloquência, da oratória e da retórica latina. Os romanos adotaram a retórica, esse poder extraordinário sobre as pessoas, conforme Peterlini (2004, p. 121), essa faculdade aristotélica, capaz de descobrir os possíveis meios persuasivos sobre qualquer assunto (ARISTÓTELES,

4 A tradução foi feita por Santos Saraiva, apresenta-se, a seguir, uma tradução da Profa. Dra. Elaine Cristina Prado dos Santos: “Que mais elevado e mais útil trabalho à República podemos exercer do que ensinar e instruir a nossa juventude?”.

1932, I, 2, 25-26 e 31-32). Segundo o orador da Antiguidade, a palavra exerce uma força sedutora e poderosa, capaz de fascinar: “Com certeza, falou (Crasso), nada me parece melhor do que conseguir dizendo, prender as reuniões dos homens, seduzir as mentes, impulsionar as vontades para onde se queira, fazê-las sair de onde se deseje”⁵.

Arquiteticamente, a *inventio* junto com a *dispositio* do discurso se projetam em expressões “júbilo” e “expansão de alma” como justificativa do orador pelo emprego das expressões latinas de Cícero. A partir dessa manifestação de intensa alegria, com uma locução adverbial afirmativa “de feito”, Santos Saraiva consegue trazer, enfaticamente, a atenção do leitor para uma enumeração gradativa que irá desenrolar em sua proposta. Para esse recurso, que pode ser definido como *ordo naturalis*, conforme Lausberg (2004, p. 99), Saraiva registra certas profissões como verdadeiras missões por exercerem, segundo seu ponto de vista, uma nobre atividade, são elas: o lavrador, o artista, o comerciante, o marinheiro, o soldado, o homem de Estado, o ministro do Evangelho.

Observa-se que, em um extenso parágrafo, nessa *ordo naturalis*, todos os trabalhadores missionários apontados, em uma gradação, são apresentados postostos a um verbo indicador de ação no presente do indicativo, priorizando a tarefa do trabalhador, como atemporal, *ad aeternum*, pois o presente do indicativo é um tempo que não tem impressa a desinência modo-temporal. Os verbos e os substantivos são enumerados em uma trajetória discursiva: “moureja o lavrador, expondo-se às intempéries das estações...”, “trabalha o artista nas oficinas, exercendo a indústria fabril...”, “lida o comerciante, facilitando a permuta dos produtos agrícolas e industriais, e levando a toda parte o bem-estar...”, “expõe-se o ousado marinheiro às fúrias do líquido elemento, estabelecendo fácil e rápida comunicação entre as ilhas e os continentes, levando até os mais remotos países habitados os germens do progresso e da civilização”, “luta o soldado nos campos de batalha, para guardar a integridade da pátria...”, “vigia o homem d’estado pela manutenção das leis, superintendendo e regulando todos os ramos da administração pública”, “labuta, finalmente, o ministro do Evangelho na vinha do Senhor, esforçando-se por inculcar a todos os povos a verdadeira doutrina do Cristianismo, implantando em todos os corações o amor do próximo, ensinando e praticando a caridade, e fazendo por unir todos os homens...”.

Nessa trajetória discursiva apontada anteriormente, a enumeração, a *ordo naturalis*, feita por Santos Saraiva se desenrola em orações coordenadas, que se encadeiam em verbos que procuram expressar a força do trabalho e da conquista: “moureja, trabalha, lida, expõe-se, luta, vigia, labuta”; entre as orações coordenadas, porém, em uma forma estrutural, abrem-se orações reduzidas de gerúndio que indicam a ação do trabalho, caracterizando, conjuntamente, o modo, o tempo e a causa em um movimento contínuo: “expondo-se, curtindo, exercendo, facilitando, levando, estabelecendo, superintendendo, regulando, implantando, ensinando, praticando, fazendo”.

Em relação à estrutura empregada por Santos Saraiva quanto ao uso do tempo presente, do encadeamento de orações coordenadas e seguidas de orações

⁵ “Neque uero mihi, inquit, praestabilius uidetur quam posse dicendo tenere hominum coetus, mentis adlicere, uoluntates impellere quo uelit, unde autem uelit deducere. Haec una res in omni libero populo maximeque in pacatis tranquilisque cuitatibus praecipue semper floruit semperque dominata est.” (CÍCERO, 1923, I, VIII, 30).

reduzidas de gerúndio, delinea-se a seleção de recursos empregados, ou seja, a *elocutio*. Segundo Lausberg (2004, p. 116), a *elocutio* apresenta uma multiplicidade, dirigida no sentido do *aptum*, de possibilidades linguísticas de expressão de tal forma que, como expressão linguística, não tem apenas um *aptum* para a res expressa, mas também para o que se quer exprimir.

Após a enumeração gradativa, em forma de aposto resumitivo, mas em um tom até de repetição enfática, o orador clama “todos, todos”, em parágrafos distintos, “exercem uma nobre atividade, tendo por alvo o bem privado, público e universal”; “todos concorrem [...] com suas forças para a felicidade comum, e nenhum esforço nobre deve ser desprezado”. Consoante as palavras de Santos Saraiva, todos os trabalhadores, apontados como missionários, exercem uma atividade nobre e digna, cujo alvo é o bem comum de tal forma que nenhum esforço deve ser esquecido.

Nessa *dispositio* textual que se faz, o orador, por meio de um conectivo adversativo “mas”, introduz, com *elocutio*, sua argumentação fundada no pensamento ciceroniano, e uma nova etapa se faz, conforme Lausberg (2004, p. 98), o meio está dedicado à matéria propriamente dita e está subdividido em uma parte instrutiva (*propositio* ou *narratio*) e em uma parte probatória (*argumentatio*). Para Santos Saraiva:

Mas o homem, nascido débil e ignorante, para que possa um dia ser útil a si e a seus semelhantes, assim como precisa crescer robustecer-se fisicamente, carece, sobretudo, ser ensinado e instruído, a fim de que sua atividade natural seja eficaz e proveitosa, e possa cumprir dignamente a sua alta missão sobre a terra.

O conectivo, no discurso, exerce uma função de ênfase muito mais do que contraste, pois, para Saraiva, o homem nasce ignorante, sem conhecimento, porém precisa ser lapidado para se tornar útil a seus semelhantes, e isso só seria possível pelas ferramentas da instrução, da educação, de tal forma que pudesse cumprir uma alta missão sobre a terra. O discurso adquire, nessa etapa de elaboração, um tom de argumentação didática, cumprindo o que Lausberg caracteriza de *memoria* e *pronuntiatio* ao longo do discurso.

O parágrafo seguinte, nessa *dispositio*, se abre com mais uma locução adverbial “na verdade”, pois o orador reforça a sua argumentação anterior, afirmando que “este é o sentimento de todos os homens que se interessam pelos conhecimentos humanos”. E como sequência de nova etapa que se abre, Santos Saraiva apresenta uma citação de James Smithson (1765-1829), especialista britânico em história natural, cujo valioso legado foi doado ao governo dos Estados Unidos da América para a criação de um estabelecimento para o aumento da difusão do conhecimento: o Instituto Smithsonian.

“Every man, diz por muitos Smithsin, is a valuable member of society, who, by his observations, researches, and experiences procures knowledge for men”.
Cada homem é um valioso membro da sociedade que, por suas observações, investigações e experiências, proporciona conhecimentos à humanidade.

Por meio de citações tanto de Cícero (I a. C.) quanto de Smithson (XIX), Santos Saraiva, intencionalmente, procurou demonstrar uma convicção intelectual

capaz de exercer concordância e influência sobre a opinião pública a ponto de atingir a persuasão. Esse recurso, por meios intelectuais, a fim de exercer influência, pode ser chamado de *docere*. Conforme o estudioso Lausberg (2004, p. 104), os poetas praticam o *docere*, como finalidade didática da poesia, dentro da utilidade intelectual e moral desta. Pode-se estabelecer um paralelo entre os poetas e Santos Saraiva, pois ele quis frisar um tom didático em seu discurso, por meio das citações.

Até então elaborado e pautado a partir da citação de Cícero, o discurso se aproxima do tempo e do espaço do orador, por meio da *elocutio* “no presente século”. Santos Saraiva, ao citar Smithson, estabelece um vínculo entre o passado e o presente, exemplificando como recurso argumentativo:

No presente século, em que depois de tantas, tremendas e gigantescas lutas contra o obscurantismo social, político e religioso, dos tempos idos, brilham as letras, as artes e as ciências, e a liberdade pode erguer a frente desafiada e triunfante; ninguém, que se preze de ser digno dos tempos esclarecidos em que vive, se pode dispensar da instrução, na altura em que ela se acha nos países que a têm levado ao máximo grau de perfeição.

O orador do século XIX faz referência aos ideais do Iluminismo, como uma ênfase às ideias de progresso, ao Século das Luzes, alegando que houve momentos de obscurantismo e que agora brilham as letras, as artes e as ciências. Conforme discursa o orador, em uma hipérbole, após “tremendas e gigantescas lutas”, é um momento de brilho para a Cultura, de luz para o “Saber”, pois metaforicamente “brilham as letras, as artes e as ciências” de tal forma que não se podem desprezar os “tempos esclarecidos”.

Com veemência discursiva, o próximo parágrafo responde à citada *ordo naturalis* enumerada inicialmente, projetando-se, em uma construção genial, como uma ponte entre a Antiguidade, expressa pelas palavras de Cícero, e o presente, registrado por meio da citação de Smithson. Segundo afirmações do orador, “as terras de cultura, as oficinas da indústria, os depósitos das mercadorias, as viagens marítimas... todos estes ramos de atividade carecem de instrução”. A articulação se cumpre não só por meio de um verbo no tempo presente do indicativo – *carecem* –, mas também por sua força semântica, pois o vocábulo “carecer” tem uma carga semântica muito mais intensa do que um mero “precisar”.

Estruturalmente, o próximo parágrafo também, como uma ponte, responde aos pensamentos lançados inicialmente:

De mais, a transformação política por que o Brasil acaba de passar, a maior soma de garantias e deveres, exigem a instrução, a fim de que cada brasileiro possa fruir e exercer dignamente os direitos de cidadão livre: sem ela continuaria este vasto e rico país, tão bem fadado da natureza, a não ser outra coisa mais do que uma monarquia, cujo trono estivesse vago.

Santos Saraiva se refere à proclamação da República, em 1889, observando que, nessa transformação, as garantias e os deveres exigem a instrução, a fim de que cada brasileiro possa exercer, com dignidade, seus direitos como um cidadão livre. Esses dois parágrafos, alicerçados no pensamento de James Smithson, reafirmam o início do discurso, enfatizando que o homem é um valioso

membro da sociedade, capaz de proporcionar conhecimentos à humanidade, por meio de suas investigações. Ironicamente, Santos Saraiva aponta que, sem instrução, o país se tornaria um caos, embora seja rico, “tão bem fadado da natureza”, sem instrução, seria um trono vazio. Nesse ponto, ao estabelecer uma ponte entre Antiguidade clássica e presente do orador do século XIX, o discurso adquire, por meio dessa leitura de seus pesquisadores, vivacidade e atualidade como um mito que se reatualiza nas páginas de sua história.

O orador, estruturalmente, nessa tripartição, conduz o leitor à parte final, ou melhor: à constatação, por meio da repetição da interrogação retórica de Cícero: “que melhor e mais prestante serviço podemos fazer à República do que ensinar e instruir a mocidade?”. Projeta-se o seguinte desenho a respeito do tema discursivo – a instrução: em primeiro lugar, argumenta-se, por meio da citação de Cícero, com a Antiguidade, em segundo lugar, por meio da citação de Smithson, com o presente histórico e por fim, por meio da retomada da citação de Cícero, com o presente real em forma de constatação a respeito da inauguração da pedra angular.

Os três últimos parágrafos se organizam estruturalmente da seguinte forma: o antepenúltimo se inicia, em uma *elocutio*, por meio de uma locução adverbial “com efeito”, indicando enfaticamente a inauguração do lugar destinado a desbravar as “ignorâncias de muitos e a preparar mancebos, que de futuro possam concorrer proficuamente para o engrandecimento de seu país”. O lugar mencionado é o Edifício Mackenzie, que hoje é conhecido como Centro Histórico, localizado na confluência da Rua Maria Antonia e Rua Itambé em Higienópolis.

No penúltimo parágrafo, Santos Saraiva se dirige a cidadãos norte-americanos, intencionalmente em forma de agradecimento a John T. Mackenzie (1818-1892): “à generosidade cristã de um deles são devidos os largos meios de realizar brilhantemente tão nobre pensamento”. O orador se utiliza de uma tática do discurso como meio de expressão de palavra e de pensamento, ou seja, a *perspicuitas*, pois, ao agradecer, ele abre parênteses como ressalva, dizendo “é dever confessá-lo com profunda gratidão”. Conforme Lausberg (2004, p. 254), é a sinceridade como tática de discurso (*confessum, sinceritas*).

A conclusão, no último parágrafo, se projeta a um futuro próximo:

Em breve, portanto, campeará neste lugar vasto edifício, agora tão felizmente inaugurado, cuja fábrica apesar de muda, sendo não obstante arauto fiel e permanente do pensamento de seus fundadores, bradará, sem cessar, aos que passam: VINDE; AQUI DÁ-SE O PÃO DO ESPÍRITO: EIS AQUI O TEMPLO DA INSTRUÇÃO...

Alegando para um futuro próximo que a pedra angular se tornaria o majestoso Edifício Mackenzie, o arauto hoje permanece fiel na figura do Centro Histórico que registra o pensamento e a vida de seus fundadores, carregando a trajetória de toda uma história, por oferecer o Pão do Espírito e a Luz do Saber.

E por fim, o discurso se fecha artisticamente, em tom de poema, com um soneto, cujos quartetos são de rimas entrelaçadas.

*Criadora Instrução! A maior riqueza,
Que possuir podemos sobre a terra;
Alma Diva que imensos bens descerra,
E que tanto enobrece a Natureza.*

*Onde ela reina está perene acesa
A luz que todo o bem celeste encerra,
Nem da ignorância ou trevas teme a guerra,
E é o doce amparo da pobreza.*

*A voz pod'rosa tudo aumenta e cresce:
Brotam vilas, cidades e searas,
Cobre-se a terra d'abundante messe.*

*Salve, pois, Instrução, que a luz preparas –;
Com seu fulgor a todos esclarece,
Tornando as trevas cada vez mais raras.*

Com o soneto, lapidado artisticamente por Santos Saraiva, o orador com a voz de poeta canta, para a posteridade, o nobre valor da Instrução, o poder que ela carrega, a Luz perene que somente ela acende de Saber sobre a escuridão da ignorância, a Vida sobre as vilas e as cidades. Enfim, o soneto coroa, artística e expressivamente, a arquitetura do discurso que seria proferido por Santos Saraiva, demonstrando que, da inauguração da pedra angular, o orador construiu um monumental edifício, por meio de uma *elocutio verborum*, transpondo da Antiguidade clássica para um presente histórico que se projetou para um futuro, que se reatualiza nas páginas da história por aqueles que a vivenciam a ponto de tornar vivo o orador ou o poeta, por meio de sua obra.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.
- CICERO. *De l'orateur*. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
- GARCEZ, B. N. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.
- HORÁCIO. *Odes et epodes*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LESSA, V. T. *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de S. Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbyteriana Independente de São Paulo, 1938.
- MENDES, M. Retrato de um sábio. *Mackenzie*, São Paulo, ano III, n. 16, 2001.
- OVÍDIO. *Les métamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1994. t. I, II, III.
- PETERLINI, A. A retórica na tradição latina. In: _____. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 119-144.
- RABUSKE, A. Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: algo de sua vida e obra, máxime no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Separata de *Perspectiva Teológica*, 1976.

SARAIVA, E. dos S. *O sábio das picadas*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1939.

SARAIVA, F. R. dos S. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SANTOS, E. C. P. dos; MENDES, M. Santos Saraiva's voice: from the corner stone of Mackenzie Building to Historic Center. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 118-130, 2010.

Abstract: *As an introduction, the present article intends to introduce a brief view on the life of Latinist Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, meaning to read his discourse, that would be proclaimed on the launching day of the corner stone of mackenzie Building, in 1894. The procedure to present Santos Saraiva's discouse, this paper will show, as a study source, the work of Heinrich Lausberg (2004), Elements of literary rethorics. The main intention in the present study is to demonstrate how the theme "instruction", presented by the preacher, has become, according to scholar rethorics, an ars bene dicendi to accomplish a course which was projected in their own elaboration phases of parts of the discourse, meaning to achieve persuasion, that is voice became perpetual claiming to those who still search for divine and human sciences.*

Keywords: *Santos Saraiva; discourse; Mackenzie Building.*

ANEXO⁶

DISCURSO DE SANTOS SARAIVA:

Quid maius aut melius reipublicae afferre possumus, quam si docemus atque erudimus juventute?

(Que maior e mais prestante serviço podemos fazer à República do que ensinar e instruir a mocidade?)

É com o maior júbilo e com a mais completa expansão d'alma que fazemos nossas estas nobres e sábias expressões do inclito philosopho e famoso orador d'antiguidade romana, Marco Tullio Cícero.

De feito: moureja o lavrador, expondo-se às intemperies das estações, curtindo frios e calores, para arrancar à natureza a matéria prima da alimentação humana; trabalha o artista nas oficinas, exercendo a industria fabril que tantas comodidades proporciona à vida domestica e social; lida o commerciante, facilitando

a permuta dos produtos agrícolas e industriaes, e levando a toda parte o bem-estar, o conforto e a abundancia; expõe-se o ousado marinheiro às fúrias do liquido elemento, estabelecendo fácil e rápida communição entre as ilhas e os continentes, levando até os mais remotos paizes habitados os germens do progresso e da civilisação; lucta o soldado nos campos de batalha, para guardar a integridade da pátria, manter paz no interior, e o respeito no exterior; vigia o homem d'estado pela manutenção publica; labuta, finalmente, o ministro do Evangelho na vinha do Senhor, esforçando-se por inculcar a todos os povos a verdadeira doutrina do Christianismo, implantando a caridade, e fazendo por unir todos os homens, sem distincção de raças, pelo vínculo indissolúvel da fraternidade da fraternidade universal, segundo foi ensinado por Jesus Christo, nosso divino Mestre e Salvador.

Todos, enfim, exercem uma nobre actividade, tendo por alvo o bem privado, publico e universal.

Todos concorrem, é certo, com suas forças para a felicidade commum, e nenhum esforço nobre deve ser despresado.

Mas o homem, nascido débil e ignorante, para que possa um dia ser útil a si e a seus semelhantes, assim como precisa crescer e robuster-se physicamente, carece, sobretudo, ser ensinado e instruído, afim de que a sua actividade natural seja efficaz e proveitosa, e possa cumprir dignamente a sua alta missão sobre a terra.

Na verdade, é este o sentimento de todos os homens que se interessam pelos conhecimentos humanos.

“Every man, diz por muitos Smithson, is a valuable member of society, who, by his observations, researches, and experiences procures knowledge for men”. Cada homem é um valioso membro da sociedade que, por suas observações, investigações e experiências, proporciona conhecimentos à humanidade.

No presente século, em que, depois de tantas, tremendas e gigantescas luctas contra o obscurantismo social, político e religioso do tempos idos, brilham as letras, as artes e as sciencias, e a liberdade pôde erguer a frente desafogada e triumphante; ninguém, que se prese de ser digno dos tempos esclarecidos em que vive, se pôde dispensar da instrucção, na altura em que ella se acha nos paizes que a teem levado ao Maximo grau de perfeição.

As terras de cultura, as officinas da industria, os depósitos das mercadorias, as viagens maritimas, os campos da batalha, as repartições do Estado, o templo da oração, o ministerio da palavra, todos estes ramos de actividade humana carecem da instrucção: nem o mesmo lar domestico a pôde dispensar.

De mais, a transformação política porque o Brazil acaba de passar, a maior somma de garantias e deveres, exigem a instrucção, afim de cada brasileiro possa fruir e exercer dignamente os direitos de cidadão livre: sem ella continuaria este vasto e rico paiz, tão bem fadado da natureza, a não ser outra coisa mais do que uma monarchia, cujo throno estivesse vago.

Assim, pois, – que melhor e mais prestante serviço podemos fazer à República, do que ensinar e instruir a mocidade?

Com effeito, quando inauguramos um logar, destinado a desbravar as ignorâncias de muitos e a preparar mancebos, que de futuro possam concorrer proficua-mente para o engrandecimento de seu paiz, levantamos um verdadeiro templo à religião, à pátria, à scientia, ao progresso, à civilisação.

A cidadãos norte-americanos (é dever confessal-o com profunda gratidão), ca-be a honra d'esta humanitária ieia; e à generosidade christan d'um d'elles são devidos os largos meios de realisar brilhantemente tão nobre pensamento, exem-

OUTRAS LETRAS

plo, na verdade, bem digno de ser imitado por todos aqueles que amam sinceramente a Deus e ao próximo, e presam o bem da pátria e da humanidade.

Em breve, por tanto, campeará n'este logar vasto edifício, agora tão felizmente inaugurado, cuja fabrica apesar de muda, sendo não obstante arauto fiel e permanente do pensamento de seus fundadores, bradará, sem cessar, aos que passam: VINDE; AQUI DÁ-SE O PÃO DO ESPÍRITO: EIS-AQUI O TEMPLO DA INSTRUÇÃO...

*Criadora Instrução! A maior riqueza,
Que possuir podemos sobre a terra;
Alma Diva que imensos bens descerra,
E que tanto enobrece a Natureza.*

*Onde ela reina está perene acesa
A luz que todo o bem celeste encerra,
Nem da ignorância ou trevas teme a guerra,
E é o doce amparo da pobreza.*

*A voz pod'rosa tudo aumenta e cresce:
Brotam vilas, cidades e searas,
Cobre-se a terra d'abundante messe.*

*Salve, pois, Instrução, que a luz preparas –;
Com seu fulgor a todos esclarece,
Tornando as trevas cada vez mais raras.*